

Um Caipira na Cidade (19)

498

1ª MOMENTO



(A CENA DESEENROLA-SE EM UMA PRAÇA ONDE ENCONTRA-SE ENROLADO E UM COBERTOR VELHO, UM CAIPIRA).

CAIPIRA: Esse mundo é uma porcaria. Eu aqui com fome sem dinheiro e sem emprego, no interior não dá prá ficar, porque os juros dos bancos comem tudo o que se colhe, vem pra cá, sonhando fazer a vida, mas é tudo ilusão. Aqui ainda é pior. (LIGA SEU RADINHO)

LOCUÇÃO: E o tempo está bom na cidade sorriso. Aproxima música, - vai pro seu Arlindo, pra dona Arieta e pra dona Maria E-rondina, esta chegando aí, (CONFUSÃO EM FAMÍLIAS) de Rosalvino Gouveia com Rogério Hoch. (ENTRA A MÚSICA) Eu tenho duas vagas para emprego. Precisa-se de um senhor para trabalhar como doméstico e que durma no emprego. Tratar a rua do Parque, nº 645. O outro é na mesma rua. O nº é o 932. (CAIPIRA DESLIGA O RÁDIO, ENTRA BLACK CUT)

2ª MOMENTO

(O CAIPIRA CHEGA EM UMA CASA E ENTRA, DENTRO DE UM QUARTO, UM CASAL CONVERSA).

HOMEM: Hum! Que bom.

MULHER: Tá gostando?

CAIPIRA: Ué o que será que eles estão fazendo?

HOMEM: Eu adoro fazer isso com você.

MULHER: Agora chega.

HOMEM: Há! Mida mais um pouquinho.

CAIPIRA: Hi! Tão fazendo coisa errada.

MULHER: Chega, chega agora você tem que ir embora.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



HOMEM: Então vamos fazer aquilo que você queria que eu lhe ajudasse a fazer.

CAIPIRA: Legal, vou assistir essa pela fresta.

MULHER: Vamos fazer aqui na cama.

HOMEM: Em pé é melhor.

MULHER: Tá legal você venceu, aqui na cama.

HOMEM: Tu tiras o vestido, que eu tiro a camisa.

MULHER: Me ajuda a tirar o vestido.

HOMEM: Deixa eu terminar de tirar as calças.

CAIPIRA: Como gente da cidade tem frescurinha.

MULHER: Agora eu pelo o seu e você pela a minha.

CAIPIRA: E agora já estão pelados, vou acabar com essa festa.

(O CAIPIRA BATE NA PORTA E O CASAL SAI DO QUARTO VESTIDOS)

CAIPIRA: Ué vocês não iam dar uma trepada?

HOMEM: Que é isso meu senhor, apenas estávamos brincando com um casal de bonecos.

CAIPIRA: Minha mãe e meu pai começaram assim, com brincadeira, - frescurinha prá lá, frescurinha prá cá. Meu pai tirou a roupa, ficou peladão com as mãos no cabide, minha mãe apavorada perguntou o que é isso aí que tu tem na mão? - Meu pai respondeu, isso é o Santo Antônio. Aí foi a vez da minha mãe ficã peladona, meu pai levou um susto danado, e falou o muié olha uma aranha no meio das tuas perna, aí minha mãe disse, isso não é uma aranha, isso é uma capelinha. Ha, ha, ha, essa foi boa, o senhor gostou dessa? O resultado da frescura sou eu, que vim ver a vaga que o senhor tem prá uma criatura do interior.

HOMEM: Então me diga como é o seu nome?

CAIPIRA: Justino. E o seu?

HOMEM: Valdir.



CAIPIRA: E o da senhora sua mulher?

HOMEM: Diana.

CAIPIRA: Diana ... hi ... hi ... não vou esquecer mais, é o mesmo nome da cadela da minha mãe.

HOMEM: Mulher gostei dele, ele tem um ótimo senso de humor. O - emprego é seu.

CAIPIRA: Obrigado, muito obrigado pelo senhor ajudar um pobre coitado como eu, será que o senhor não tem um pão com queijo e salame aí, prá mim comer, que estou desde onti sempre nada.

HOMEM: Enquanto a mulher prepara um lanche pro senhor, vá lá na aquela casa veja se o seu Lautério, me empresta um carrinho de mão...

CAIPIRA: Mais prá que o senhor quer um carrinho de mão?

HOMEM: Prá você carregar umas pedras que tem ali nos fundos do pátio.

CAIPIRA: Não estou gostando...

HOMEM: O senhor falou alguma coisa?

CAIPIRA: Não, não eu só pensei alto.

(CAIPIRA SAI E LOGO VOLTA SEM O CARRO)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CAIPIRA: Voltei.

HOMEM: Trouxe o carro?

CAIPIRA: Não.

HOMEM: Ele não quis emprestar?

CAIPIRA: Ele que empresta.

HOMEM: Então por que você não trouxe?

CAIPIRA: Ué você não mandou eu trazer, você mandou eu vê se ele emprestava o carro, ele empresta é só você i lá busca.

HOMEM: O senhor está demitido.



CAIPIRA: Eu quero o meu pagamento.

HOMEM: Mas que pagamento? Você nem trabalhou.

CAIPIRA: Como não trabalhei? Eu fui lá no seu amigo vê se ele em -
prestava o carro. Quero um mês de férias, um mês de aviso,
o salário e o 13º.

HOMEM: Taquí o seu pagamento, pegue esse lanche e desapareça.

CAIPIRA: Por isso é que tu tã rico, tu deve ser um marajá, ou con-
trabandista de pedras preciosa.

HOMEM: Desapareça, antes que eu chame a polícia.

CAIPIRA: (SAINDO) Só o que falta é outro ter se adonado da praça.

(ENTRA BLACK CUT).

3º MOMENTO

(A CENA SE DESENROLA EM UMA PRAÇA, SENTADO EM UM BANCO ESTA O CAI -
PIRA. DA DIREITA ENTRA UM FANÁTICO POLÍTICO).

FANÁTICO: Se eleito for e serei, prometo acabar com a pobreza, -
claro que com o apoio de vocês, com os votos de vocês -
eu terei força para representá-los na constituinte. (I-
MAGINA APLAUSOS) Obrigado, obrigado. Com o voto de cada
um que aqui se encontra vamos construir mais escolas, -
para oferecer estudo gratuito, para quem ganha menos de
dez salários mínimos. Os hospitais prestarão serviço -
gratuito. Para cada mãe será dada uma vaca... bem uma -
vaca eu não diço, mas uma cabrita certamente, obrigado,
obrigado, com o apoio de vocês vamos construir um país -
sem violência e sem medo. Para os colonos faremos a re -
forma agrária e para aqueles que não tem para quem ven -
der seus produtos daremos um jeito para que seu arroz ,
seu feijão, suas batatas não apodreçam dentro do saco.-
Obrigado, obrigado, companheiros, o meu partido precisa
do apoio de vocês, porque os nossos adversários perto -
de nós eles tremem a perninha, na nossa frente eles nos



alisam, mas por trás eles metem o pau, isso dói Compa -
nheiros, por isso, em 15 de novembro vote certo, votem -
em mim. Votando em mim vocês terão os preços congelados.
O salário terá aumento nunca inferior a 100% e sempre -
trimestralmente, o BNH distribuirá imóvel a todo aquele
que for assalariado. Obrigado, muito obrigado, com a -
certeza da vitória eu me despeço, porque estou com fome,
porque sai só com um ovo de casa. Obrigado, obrigado, -
muito obrigado.

CAIPIRA: Muito bem, muito bem. O Dr. falou muito bem, o Dr. pode
contá com os votos lá de casa.

FANÁTICO: Obrigado, mas eu não sou candidato.

CAIPIRA: O Dr. fala muito bem, o senhor tem que se acandidata.

FANÁTICO: Essas palavras foram as que ouvi mais de seis meses nas
campanhas políticas. Veja se é isso que está acontecen -
do. O país está falido. Sobre tudo, todo dia, o salário -
sobre uma mixaria. Estou desempregado, minha mulher me -
deu um pontapé na bunda, meus filhos estão morrendo de
fome e a imobiliária está me despejando...

CAIPIRA: E a reforma agrária vai sair?

FANÁTICO: Se você gosta de esperar, espere que talvez ela saia a -
té o ano dois mil.

(ENTRA BLACK CUT)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

3º MOMENTO

(EM UMA PRAÇA ESTÁ O CAIPIRA SENTADO LENDO UM JORNAL DE PERNAS PRA
CIMA)

CAIPIRA: (VÊ O GRÃ-FINO SENTAR-SE EM SEU BANCO, APROVEITA E PUXA
CONVERSA). Bom dia, vizinho.

GRÃ-FINO: Bom dia.

CAIPIRA: O dr. já viu como os estrangeiro tão tomando conta do -
nosso país?



- GRÃ-FINO: Mas o que faz você pensar assim?
- CAIPIRA: Hora o que faz? O senhor não tá vendo que até os jornal já tão escrevendo em estrangeiro...
- GRÃ-FINO: (RINDO-SE MUITO) Não é que eles estejam escrevendo em - outra língua, é você que está lendo o jornal virado. - (GRÃ-FINO CONTINUA A RIR)
- CAIPIRA: (DESCONFIADO) O dr. por acaso tá me achando com cara de paião, fique o senhor sabendo que eu não sou bobo não. Ou o senhor pensa que pode ficã rindo de meu jeito, só porque usa uma gravatinha no pescoço.
- GRÃ-FINO: (ARRIANDO-SE NO CAIPIRA) E aonde é que você quer que eu use a gravata?
- CAIPIRA: O senhor quer mesmo que eu diga?
- GRÃ-FINO: (ARRIANDO-SE NO CAIPIRA) Diga se você é homem.
- CAIPIRA: Digo sim, porque sou muito homi prá dizer pro senhor usar na bunda, ou no vestido da tua mulhê que deve andar por aí amostrando os fundio.
- GRÃ-FINO: (INVOCADO) Você não tem o direito de falar assim da minha mulher.
- CAIPIRA: Craro que tenho, quem diz o que quer tem que ouvir o que não quê. E além do mais não dizem que o povo brasileiro é um pessoal livre, prá pensa e falã o que sente. Ainda vai ri muito?
- GRÃ-FINO: Claro que vou rir, quem é que não vai rir de um grosso e ignorante como você.
- CAIPIRA: Eu sou grosso, sou inguinorante, mais não termino com a natureza, com as água, com os mato. O senhor que se acha muito inteligente e que se acha muito educado, será que ainda não viu que é homi fino, inteligente quem cria arma prá matã o homi. E a mulhê fina, que luta pela igualdade em tudo, até no sexo, só que até agora eu ainda não vi nem um homi dá luiz. Voceis confundê liberdade com libertinage, é pelo grã-fino que começa a destruição da humanidade, é aqui que começa as separação dos casal, que deixa as criança desamparada. Sem casa ,



sem alimento, os jovens se viciando em droga, em jogo e - se prostituindo dia a dia, e os culpado da maior parte disso tudo que acontece são vocês que o que fazem é - marginaliza as criatura, ao invés de elas ajudá. Vocês esquece que as pessoa precisam de carinho, de amor, e - que respeite elas. Vocês só porque tem escola com mais facilidade, porque tem mais dinheiro, fazem de nós os - paião de vocês, vocês acha engraçado o nosso jeito , só porque poucos de nós pode estudá, nós não sabemo - chama os outro de burro por tabela, nem fala bonito co - mo o senhor, mais sabemo ser sincero, ser honesto, agem - te sabe ama, nós não sabemo o que é ser egoísta.

GRÃ-FINO: Você falou, falou e não disse nada, nessa eu fiquei boi - ando.

CAIPIRA: Só podia ficã boiando, merda não afunda. Saia daqui, eu tenho nojo do senhor, que usa uma ropa da moda, usa cre - me na cara, até é bonito por fora, mas por dentro é po - dre, chega feder. Saia daqui, saia.

(GRÃ-FINO AO SAIR TROMBA COM UMA CIGANA, QUE ENTRA A PROCURA DE - CLIENTE)

4º MOMENTO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CIGANA: Tirar a sorte moço, tirar a sorte.

CAIPIRA: Que tira sorte nada, eu já ando sem sorte e tu ainda que - tirá a miséria que me resta?

CIGANA: O moço não precisa ficar brabo não. Ponha um dinheirinho aqui na mão da cigana que ela vai lhe revelar o passado, o presente e o futuro.

CAIPIRA: Mais qui dinheiro? Eu não tenho dinheiro nem prá come, vou ter prá tirá sorti, esse é o meu presente e o meu futuro é a morte.

CIGANA: Mas porque a morte?

CAIPIRA: Ué os político não prometero acabã com a pobreza, isso e - le só vão conseguí com a morte dos pobre.



CIGANA: Fizeram obra de batucaria prá você, por você está neurótico. Deixe eu ler sua mão.

CAIPIRA: Não, eu não tenho dinheiro.

CIGANA: Cigana não vai lhe cobrar nada.

CAIPIRA: Então pode ler a vontade.

CIGANA: A linha do coração tá me mostrando que você é casado, e que tem nove filhos. A mesma linha diz que para o futuro mais dez filhos...

CAIPIRA: Cruz credo, vira essa boca prá lá:

CIGANA: Na linha da vida, marca uma vida longa. Você vai durar - 99 anos e onze meses e meio.

CAIPIRA: E argum dia eu vou ser rico?

CIGANA: Não marca riqueza...

CAIPIRA: Craro que não pode marca, eu não quero ser político. Mais que que marca?

CIGANA: Marca que você vai ser um artista muito famoso. Marca aqui na sua mão, que vai aparecer um velho na sua vida...

CAIPIRA: Um velho?

CIGANA: Sim, um velho e é esse velho que vai lhe lançar no meio-artístico.

CAIPIRA: O que eu devo fazer?

CIGANA: Você deve continuar himilde e ser muito otimista.

CAIPIRA: Obrigado, deus que lhe pague.

(ENTRA BLACK CUT)

5º MOMENTO

(NA PRAÇA ESTA UM MALANDRO, DA DIREITA ENTRA E PARA-SE A FAZER UM PONTO UM TRAVESTI, QUE AO PERCEBER O MALANDRO TENTA CONQUISTÁ-LO)

TRAVESTI: Tá a fim de um programinha?



MALANDRO: Não, eu tô a fim de grana.

TRAVESTI: Gigolo, novento.

MALANDRO: Espera aí, bichona... eu respeito a tua maneira de ganhar a vida, só que esse lugar não é lugar pra ti fazer ponto não...

TRAVESTI: Hum... quer o ponto prá ti?

MALANDRO: Ih, malandro... qual é? Não está me conhecendo... O barato é o seguinte, eu sou chefe de segurança desta praça, portanto, não quero ninguém ganhando dinheiro desonesto aqui.

TRAVESTI: Chefe de segurança... tu tem mais cara é de batedor de carteira.

MALANDRO: O menino frágil, não foge do assunto. Prá ficar aqui só daquela maneira que os caras fazem, com um percentual - prá crianças carentes.

TRAVESTI: Se tinha que molhar a mão, porque não foi direto ao assunto?

MALANDRO: 60%. Eu sou igualzinho ao leão, ru...ao, sessentinha.

TRAVESTI: Topo prá cada trepada paga, eu te dou uma de graça.

MALANDRO: Ô menino frágil, desgruda malandro, eu sou casado.

TRAVESTI: Cavalo atado também pasta. Tá legal prá ir com você, eu libero uma graninha, gigolozinho da mamãe.

MALANDRO: Sai fora, vai baixar o teu santo em outra terreira.

TRAVESTI: Nossa que braços fortes, como ele não deve ser?

MALANDRO: Ô camarada, dá o prefixo e sai do ar. O nosso papo é bu funfa, só cruzados ou dólares, manjou?

TRAVESTI: Então dá uma beijoquinha na mamãe, dá.

MALANDRO: Pô! Camaradinha, tu é encarnado.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(ENTRA O CAIPIRA PROCURANDO SUAS COISAS DEIXADAS NA PRAÇA)

CAIPIRA: (PRO MALANDRO) Boa noite, vizinho.

MALANDRO: Boa noite.

CAIPIRA: Por um acaso você não viu por aqui pela praça, uma sacola com roupa?



TRAVESTI: Não, não vi não.

CAIPIRA: Qual será o filho da puta que foi pegá minha sacola daqui.

TRAVESTI: Faz pouco tempo que o cavalheiro deixou a sacola aqui??

CAIPIRA: Faz. Deixei hoje cedo. E já teve que vir um ordinário - pegar o que é meu.

TRAVESTI: Só o que é meu que ninguém quer pegar.

CAIPIRA: A senhora falou comigo?

TRAVESTI: Não, eu só estava pensando alto.

CAIPIRA: Se eu pego esse ladrãozinho, eu dismonto ele eu...

TRAVESTI: Calma, tenha calma, não fique nervoso, assim você poderá ter um enfarte, quer um cigarro?

CAIPIRA: Eu quero o meu que tem menos veneno.

TRAVESTI: Acenda o meu, com o seu fogo.

CAIPIRA: Esses cara não são mol. Não tem pena de um pobre coitado como eu, eu...

TRAVESTI: Tenha calma, que as coisas vão melhorar. Eu posso lhe - levar prá passar a noite comigo, lá eu lhe consigo umas roupas com os vizinhos, e lhe dou o que você comer...

CAIPIRA: Obrigado minha senhora, que por sua bondade Deus lhe dê tudo o que a senhora deseja...

TRAVESTI: E hoje que eu tiro o meu... da miséria. Vamos amiguinho?

CAIPIRA: A senhora é que manda.

MALANDRO: E eu como é que fico?

CAIPIRA: Eu lamento, mais vai ficá sólito.

TRAVESTI: Desgruda, ele ainda não descobriu que sou homem...

CAIPIRA: Qui história é esta de homi? Seu puto nojento, tu me paga seu filho de uma égua, querendo me enganá. Eu vou - chamá a polícia seu vagabundo.

(SAI DE CENA)

TRAVESTI: Viu o que a gente ganha querendo ser boa. Isso foi tudo por tua culpa seu puto, puto, puto, eu te odeio, justo-



hoje que eu ia tirar o meu atraso, eu me odeio...

MALANDRO: Calma, bichona, calma vizinha...

TRAVESTI: Eu vou te mostrã como eu estou calma, seu filho de uma-
vaca (SAEM CORRENDO UM ATRÁS DO OUTRO) (ENTRA BALCK CUT)

6º MOMENTO

(O CAIPIRA AO VOLTAR ENCONTRA-SE COM O MALANDRO)

CAIPIRA: Não se acha um polícia nesta cidade. Você viu aquele ma-
landro querendo me enganã, se não fosse você me ajudã -
eu ia prá casa do puto.

MALANDRO: O senhor tem que ter mais cuidado com essa gente da ci-
dade grande porque a coisa está tão confusa aqui, que -
não se sabe quem é homem e quem é mulher.

CAIPIRA: Será que o senhor não sabe de alguém que possa me arru-
mã um serviço?

MALANDRO: Eu tenho aqui um servicinho pro senhor.

CAIPIRA: Eu quero, só que o pagamento tem que ser adiantado. Por-
que outro dia eu fui trabalhã e depois o cara não quis-
me pagã.

MALANDRO: Não se preocupe com a grana, ela está aqui ó, o senhor-
conhece a rua do Parque?

CAIPIRA: Craro que conheço.

MALANDRO: O nº da casa é o 923. (ENTREGA O REVÓLVER PRO CAIPIRA)-
Vai lá e (COCHICHANDO) entregue esse revólver pro seu O
dorico.

CAIPIRA: Pode deixar comigo, tchau. (SAI DE CENA) (ENTRA BLACK
CUT).

7º MOMENTO

(ABRE-SE A CENA COM O CAIPIRA SEGUINDO UMA MULHER, QUE ENTRA EM
UMA CASA. A MULHER AO PERCEBER QUE ESTAVA SENDO SEGUIDA ASSUSTA-SE)

MULHER: Não, não me mate!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- CAIPIRA: (APAVORADO) Eu quero sa...be...
- MULHER: Aonde está o dinheiro, o senhor pode pegar o que quiser, mas não me mate! O senhor tem revólver?
- CAIPIRA: Tenho, é um lindo 38...
- MULHER: Não fique nervoso, eu lhe entrego tudo...
- CAIPIRA: Eu quero...
- MULHER: O dinheiro, o meu marido arruma a quantia que você quiser.
- CAIPIRA: Eu quero ver...
- MULHER: Já sei, você quer ver o meu marido (GRITANDO) Odorico,- Odorico.
- MARIDO: (CHEGA GRITANDO) O que você quer mulher... (AO CHEGAR - ASSUSTA-SE) já sei o que você quer, é dinheiro... (ESPU MA DE BARBA)
- CAIPIRA: Eu já...
- MARIDO: Já sei, você já está perdendo a paciência. Não se irrite eu lhe dou todo o dinheiro que tenho (MARIDO CONTA O DINHEIRO) Eu estou contando prá poder descontar do imposto de renda.
- MULHER: Anda com isso. Ele pode querer refém, um de nós ou uma de nossas filhas.
- MARIDO: Ô mulher a gente não pode perder a calma. (CHAMA O CAIPIRA QUE NÃO SAI DO LUGAR) Venha até aqui pegar o resto do dinheiro (CAIPIRA CONTINUA NO MESMO LUGAR). Venha, e la não vai lhe fazer nada, tá bem ela vem junto. (VAI - AO QUARTO E TRAZ MAIS DINHEIRO E JÓIAS) Pegue as jóias-elas são todas suas.
- CAIPIRA: Eu não quero jóias.
- MARIDO: Viu como ele é, ainda menospreza as nossas jóias, então pegue o dinheiro. Tá bom você quer o dinheiro, as jóias e o carro. Pode levar o seguro paga, pode levar, leve.
- CAIPIRA: Eu, eu não sou ladrão.
- HOMEM E MULHER: Não é ladrão?



- CAIPIRA: Não, não sou. Eu vim lhe entregar o revólver, que um ho-
mi lhe mandou.
- HOMEM: Desculpe, nos desculpe por pensar que você era ladrão.-
Também o senhor nos deu um grande susto.
- CAIPIRA: Eu não assustei ninguém, vocês que se assustaro de eu.
- CAIPIRA: Já que o senhor tem tanto dinheiro, será que não dá pro
senhor me dá um troco, prá mim comprá bôia?
- MARIDO: Não tenho dinheiro prá dar esmolas, quer dinheiro, vai-
trabalha, vá antes que eu chame a polícia. (ENTRA BLACK
CUT).

8º MOMENTO

(ABRE-SE A CENA COM UM VELHO SENTADO NA PRAÇA, LOGO CHEGA O
CAIPIRA)

CAIPIRA: Bom dia.

Velho: Bom dia.

CAIPIRA: Um lindo dia, não é?

VELHO: Não quero que você me leve a mal, mas o senhor não é da-
qui, não é?

CAIPIRA: Não, não sou não?

VELHO: O senhor não é italiano?

CAIPIRA: Não, não sou italiano.

VELHO: É, não pode ser italiano, porque o senhor tem mais jeito
é de turco.

CAIPIRA: Mais eu não sô turco.

VELHO: Mas eu acho que o senhor é turco.

CAIPIRA: Eu sou uma mistura de alemão com italiano e...

VELHO: É TURCO.

CAIPIRA: Não é com turco, é com espanhol.

VELHO: Bãh, a sua mãe casou-se um bocado de vezes.



CAIPIRA: Minha mãe se casou só uma veis, italiano é por parte de pai, alemão é por parte da minha vó, e espanhol pelo meu avô.

VELHO: O senhor sabe contar piadas?

CAIPIRA: Sei, mais são todas pesada.

VELHO: Como pesada?

CAIPIRA: São muito bagaceira.

VELHO: Conte, eu adoro piadas bem apimentadas.

CAIPIRA: Por que apimentada? Piada não é prá come, piada é prá se escuta.

VELHO: Afinal vai contar a piada, ou não vai?

CAIPIRA: Eu tenho vergonha.

VELHO: Deixa dessas babaquice toda de vergonha. Na televisão eles contam piadas bem pornográficas, é mulheres nuas, é casais transando, é aqueles beijos de desentupir pia. Mas prá televisão é tudo liberado, agora pro teatro, pro cinema é quase tudo proibido. Mas eu tenho esperanças que o homem da justiça perceba, que no teatro e no cinema - vai quem quer e a televisão até as crianças olham, por - que os pais não podem viver de guerra com os filhos.

CAIPIRA: Gostei, o senhor é mesmo bastante estudado pelo que vejo.

VELHO: Eu não sou estudado nada, em mim ninguém estuda.

CAIPIRA: O senhor não entendeu, eu quis dizer que o senhor tem - bastante estudo.

VELHO: Não tenho grandes estudos, e sim bem informado, eu ouço-rádio, vejo televisão, vou a cinema, a teatro e leio jornal diariamente. O senhor já foi ao cinema?

CAIPIRA: Nunca fui, não tem cinema na cidade onde eu moro, o que-tinha fecharam prá botarem uma loja de camas e fogão.

VELHO: E a teatro você já foi?

CAIPIRA: Só lá na capela, na Semana Santa eles faz uma pela sobre Jesus.

VELHO: O senhor vê televisão?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CAIPIRA: Só quando paro na frente das loja. Eu não tenho, sou pobre.

VELHO: E jornal, você lê?

CAIPIRA: Só quando acho algum jornal no lixo, ou leio o jornal dos outro. Eu não tenho dinheiro, o jornal tá muito caro. Mais o que o senhor faiz?

VELHO: Atualmente, estou aposentado e antes eu era ator de teatro.

CAIPIRA: E por que parou? Teatro é tão bonito.

VELHO: O brasileiro não dá valor à cultura, eu digo o governo, as empresas que preferem gastar milhões de cruzados na compra de cultura estrangeira do que na sua própria cultura. Mas eu ainda tenho esperança, que antes da minha morte o governo e as empresas vejam que pro Brasil sair da triste situação que se encontra, tem que começar pela cultura, porque um povo mais culto, entenderá melhor quando o presidente pedir apoio e união, por que só o povo povo poderá ajudá-lo a tirar o país desta miséria que está.
(COMEÇA A CHORAR)

CAIPIRA: Não chore, o vizinho já feiz a sua parte, e o Brasil um dia vai sair desti sofrimento.

VELHO: Mas não é por isso que estou chorando.

CAIPIRA: Então por quê?

VELHO : E por que estou velho, todos me chamam de velho maluco, gagá e caduco. Eu quero montar uma peça só com piadas, mas todos fazem pouco de mim.

CAIPIRA: Não chore, eu acredito no senhor e o que depender de mim eu faço.

VELHO: (MAI ALIVIADO) Então me conte uma piada.

CAIPIRA: Conte o senhor primeiro, ai eu perco a vergonha.

VELHO: Está bem eu conto. Hoje está tudo avançado até nos estudos. O garotinho chegou em casa incucado com a aula que teve, e logo foi até aonde estava seu pai, e passou a lhe fazer perguntas. Pai o que é povo? O pai respondeu, povo ... povo... há! Povo é a empregada. Garoto: pai o que é



Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Pátria? Pai: Pátria... Pátria... ora, Pátria é a sua mãe-que está sempre de braços abertos para recebê-lo. Garoto: Pai, o que é poder econômico? Pai: poder econômico... poder econômico, ora, poder econômico é o seu pai, sou eu quem sustento todos desta casa. Garoto: Pai a última pergunta, eu juro que não vou mais encher o seu saco. O que é futuro? PAI: Futuro como eu poderia lhe explicar, futuro... futuro, há futuro é você. Daqui a dez anos você será adulto e poderá votar para presidente. Passou-se horas e mais tarde, veio a janta e foram dormir, mais lá pelas tantas o garoto acorda.

VELHO: Com uma cólica e entra banheiro a dentro, faz a necessidade, procura papel e não acha, vai no quarto e acha a mãe-dormindo, vai no quarto da empregada e acha o pai ferro e ferro na empregada, o garoto parou olhou e falou, muito bonito, né. Enquanto a Pátria dorme, o poder econômico fo de o povo e o futuro que permaneça caçado. (DÃO RISADAS)
 Agora conte a sua.

CAIPIRA: A minha não é piada, é um caso que aconteceu com o meu primo. Um dia o meu primo veio pela primeira vez na cidade, coitado não conhecia sinaleira, era aquele trânsito-bárbaro e meu primo esperando e esperando. Numa dessas e le se atravessou na frente dos auto e foi até aonde esta va um guarda e perguntou, quanto o senhor cobra pra me a travessa pro outro lado? Disse o guarda - vinte cruzados. Meu primo achou caro e voltô, quase foi atropelado pelos auto. Nisso chega uma loirona e meu primo já vendo que o verde era seu, falou pra loirona, bamos - ela respondeu pra ele - só por cinquenta. Meu primo respondeu então eu vô com o guarda que é mais barato. (OS DOIS CAEM NA RISA DA)

VELHO: Achei o meu companheiro pra fazer o meu teatro, Deus ouviu as minhas preces.

CAIPIRA: Juntos vamo faze muitas critura velha alegre.



FIM

PEÇA: UM CAIPIRA NA CIDADE

AUTOR: Rosalvino Rodrigues Gouveia

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO GRUPO VIVA ARTE TEATRAL

CANOAS: 03 de maio de 1987.

COMÉDIA:

PERSONAGENS: CAIPIRA

HOMEM I

MULHER I

FANÁTICO

GRÃ-FINO

CIGANA

MALANDRO

TRAVESTI

MULHER II

HOMEM II

VELHO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

1ª MOMENTO

(A CENA DESEENROLA-SE EM UMA PRAÇA ONDE ENCONTRA-SE ENROLADO E UM COBERTOR VELHO, UM CAIPIRA).

CAIPIRA: Esse mundo é uma porcaria. Eu aqui com fome sem dinheiro e sem emprego, no interior não dá prá ficar, porque os juros dos bancos comem tudo o que se colhe, vem pra cá, sonhando fazer a vida, mas é tudo ilusão. Aqui ainda é pior. (LIGA SEU RADINHO)

LOCUÇÃO: E o tempo está bom na cidade sorriso. Aproxima música, - vai pro seu Arlindo, pra dona Arieta e pra dona Maria E-rondina, esta chegando aí, (CONFUSÃO EM FAMÍLIAS) de Rosalvino Gouveia com Rogério Hoch. (ENTRA A MÚSICA) Eu te-
nho duas vagas para emprego. Precisa-se de um senhor para trabalhar como doméstico e que durma no emprego. Tratar a rua do Parque, nº 645. O outro é na mesma rua. O nº é o 932. (CAIPIRA DESLIGA O RÁDIO, ENTRA BLACK CUT)

2ª MOMENTO

(O CAIPIRA CHEGA EM UMA CASA E ENTRA, DENTRO DE UM QUARTO, UM CASAL CONVERSA).

HOMEM: Hum! Que bom.

MULHER: Tá gostando?

CAIPIRA: Ué o que será que eles estão fazendo?

HOMEM: Eu adoro fazer isso com você.

MULHER: Agora chega.

HOMEM: Há! Mida mais um pouquinho.

CAIPIRA: Hi! Tão fazendo coisa errada.

MULHER: Chega, chega agora você tem que ir embora.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.9242 - CEP 90020-025



HOMEM: Então vamos fazer aquilo que você queria que eu lhe ajudasse a fazer.

CAIPIRA: Legal, vou assistir essa pela fresta.

MULHER: Vamos fazer aqui na cama.

HOMEM: Em pé é melhor.

MULHER: Tá legal você venceu, aqui na cama.

HOMEM: Tu tiras o vestido, que eu tiro a camisa.

MULHER: Me ajuda a tirar o vestido.

HOMEM: Deixa eu terminar de tirar as calças.

CAIPIRA: Como gente da cidade tem frescurinha.

MULHER: Agora eu pelo o seu e você pela a minha.

CAIPIRA: E agora já estão pelados, vou acabar com essa festa.

(O CAIPIRA BATE NA PORTA E O CASAL SAI DO QUARTO VESTIDOS)

CAIPIRA: Ué vocês não iam dar uma trepada?

HOMEM: Que é isso meu senhor, apenas estávamos brincando com um casal de bonecos.

CAIPIRA: Minha mãe e meu pai começaram assim, com brincadeira, - frescurinha prá lá, frescurinha prá cá. Meu pai tirou a roupa, ficou peladão com as mãos no cabide, minha mãe apavorada perguntou o que é isso aí que tu tem na mão? - Meu pai respondeu, isso é o Santo Antônio. Aí foi a vez da minha mãe ficã peladona, meu pai levou um susto danado, e falou o muiê olha uma aranha no meio das tuas perna, aí minha mãe disse, isso não é uma aranha, isso é uma capelinha. Ha, ha, ha, essa foi boa, o senhor gostou dessa? O resultado da frescura sou eu, que vim ver a vaga que o senhor tem prá uma criatura do interior.

HOMEM: Então me diga como é o seu nome?

CAIPIRA: Justino. E o seu?

HOMEM: Valdir.



CAIPIRA: E o da senhora sua mulher?

HOMEM: Diana.

CAIPIRA: Diana ... hi ... hi ... não vou esquecer mais, é o mesmo nome da cadela da minha mãe.

HOMEM: Mulher gostei dele, ele tem um ótimo senso de humor. O - emprego é seu.

CAIPIRA: Obrigado, muito obrigado pelo senhor ajudar um pobre coitado como eu, será que o senhor não tem um pão com queijo e salame aí, prá mim comer, que estou desde onti sem-cume nada.

HOMEM: Enquanto a mulher prepara um lanche pro senhor, vá lá na aquela casa veja se o seu Lautério, me empresta um carrinho de mão...

CAIPIRA: Mais prá que o senhor quer um carrinho de mão?

HOMEM: Prá você carregar umas pedras que tem ali nos fundos do pátio.

CAIPIRA: Não estou gostando...

HOMEM: O senhor falou alguma coisa?

CAIPIRA: Não, não eu só pensei alto.

(CAIPIRA SAI E LOGO VOLTA SEM O CARRO)

CAIPIRA: Voltei.

HOMEM: Trouxe o carro?

CAIPIRA: Não.

HOMEM: Ele não quis emprestar?

CAIPIRA: Ele que empresta.

HOMEM: Então por que você não trouxe?

CAIPIRA: Uê você não mandou eu trazer, você mandou eu vê se ele emprestava o carro, ele empresta é só você i lá busca.

HOMEM: O senhor está demitido.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CAIPIRA: Eu quero o meu pagamento.

HOMEM: Mas que pagamento? Você nem trabalhou.

CAIPIRA: Como não trabalhei? Eu fui lá no seu amigo vê se ele em -
prestava o carro. Quero um mês de férias, um mês de aviso,
o salário e o 13º.

HOMEM: Taqui o seu pagamento, pegue esse lanche e desapareça.

CAIPIRA: Por isso é que tu tá rico, tu deve ser um marajá, ou con-
trabandista de pedras preciosa.

HOMEM: Desapareça, antes que eu chame a polícia.

CAIPIRA: (SAINDO) Só o que falta é outro ter se adonado da praça.

(ENTRA BLACK CUT).

3º MOMENTO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

(A CENA SE DESENROLA EM UMA PRAÇA, SENTADO EM UM BANCO ESTA O CAI-
PIRA. DA DIREITA ENTRA UM FANÁTICO POLÍTICO).

FANÁTICO: Se eleito for e serei, prometo acabar com a pobreza, -
claro que com o apoio de vocês, com os votos de vocês -
eu terei força para representá-los na constituinte. (I-
MAGINA APLAUSOS) Obrigado, obrigado. Com o voto de cada
um que aqui se encontra vamos construir mais escolas, -
para oferecer estudo gratuito, para quem ganha menos de
dez salários mínimos. Os hospitais prestarão serviço -
gratuito. Para cada mãe será dada uma vaca... bem uma -
vaca eu não digo, mas uma cabrita certamente, obrigado,
obrigado, com o apoio de vocês vamos construir um país-
sem violência e sem medo. Para os colonos faremos a re-
forma agrária e para aqueles que não tem para quem ven-
der seus produtos daremos um jeito para que seu arroz ,
seu feijão, suas batatas não apodreçam dentro do saco.-
Obrigado, obrigado, companheiros, o meu partido precisa
do apoio de vocês, porque os nossos adversários perto -
de nós eles tremem a perninha, na nossa frente eles nos



alisam, mas por trás eles metem o pau, isso dói companheiros, por isso, em 15 de novembro vote certo, votem em mim. Votando em mim vocês terão os preços congelados. O salário terá aumento nunca inferior a 100% e sempre trimestralmente, o BNH distribuirá imóvel a todo aquele que for assalariado. Obrigado, muito obrigado, com a certeza da vitória eu me despeço, porque estou com fome, porque sai só com um ovo de casa. Obrigado, obrigado, muito obrigado.

CAIPIRA: Muito bem, muito bem. O Dr. falou muito bem, o Dr. pode contá com os votos lá de casa.

FANÁTICO: Obrigado, mas eu não sou candidato.

CAIPIRA: O Dr. fala muito bem, o senhor tem que se acandidata.

FANÁTICO: Essas palavras foram as que ouvi mais de seis meses nas campanhas políticas. Veja se é isso que está acontecendo. O país está falido. Sobe tudo, todo dia, o salário sobe uma mixaria. Estou desempregado, minha mulher me deu um pontapé na bunda, meus filhos estão morrendo de fome e a imobiliária está me despejando...

CAIPIRA: E a reforma agrária vai sair?

FANÁTICO: Se você gosta de esperar, espere que talvez ela saia até o ano dois mil.

(ENTRA BLACK CUT)

3º MOMENTO

(EM UMA PRAÇA ESTÁ O CAIPIRA SENTADO LENDO UM JORNAL DE PERNAS PRA CIMA)

CAIPIRA: (VÊ O GRÃ-FINO SENTAR-SE EM SEU BANCO, APROVEITA E PUXA CONVERSA). Bom dia, vizinho.

GRÃ-FINO: Bom dia.

CAIPIRA: O dr. já viu como os estrangeiro tão tomando conta do nosso país?



sem alimento, os jovens se viciando em droga, em jogo e - se prostituindo dia a dia, e os culpado da maior parte disso tudo que acontece são vocês que o que fazem é - marginaliza as criatura, ao invés de elas ajudá. Vocês esquece que as pessoa precisam de carinho, de amor, e - que respeite elas. Vocês são porque tem escola com mais facilidade, porque tem mais dinheiro, fazem de nós o - paião de vocês, vocês acha engraçado o nosso jeito , só porque poucos de nós pode estudá, nós não sabemo - chama os outro de burro por tabela, nem fala bonito como o senhor, mais sabemo ser sincero, ser honesto, agente sabe ama, nós não sabemo o que é ser egoísta.

GRÃ-FINO: Você falou, falou e não disse nada, nessa eu fiquei boi - ando.

CAIPIRA: Só podia ficá boiando, merda não afunda. Saia daqui, eu tenho nojo do senhor, que usa uma ropa da moda, usa cre - me na cara, até é bonito por fora, mas por dentro é po - dre, chega feder. Saia daqui, saia.

(GRÃ-FINO AO SAIR TROMBA COM UMA CIGANA, QUE ENTRA A PROCURA DE - CLIENTE)

4º MOMENTO

CIGANA: Tirar a sorte moço, tirar a sorte.

CAIPIRA: Que tira sorte nada, eu já ando sem sorte e tu ainda quẽ tirá a miséria que me resta?

CIGANA: O moço não precisa ficar brabo não. Ponha um dinheirinho aqui na mão da cigana que ela vai lhe revelar o passado, o presente e o futuro.

CAIPIRA: Mais qui dinheiro? Eu não tenho dinheiro nem prá come, vou ter prá tirá sorti, esse é o meu presente e o meu futuro é a morte.

CIGANA: Mas porque a morte?

CAIPIRA: Uê os político não prometero acabá com a pobreza, isso e - le só vão conseguí com a morte dos pobre.



CIGANA: Fizeram obra de batucaria prá você, por você está neurótico. Deixe eu ler sua mão.

CAIPIRA: Não, eu não tenho dinheiro.

CIGANA: Cigana não vai lhe cobrar nada.

CAIPIRA: Então pode ler a vontade.

CIGANA: A linha do coração tá me mostrando que você é casado, e que tem nove filhos. A mesma linha diz que para o futuro mais dez filhos...

CAIPIRA: Cruz credo, vira essa boca prá lá.

CIGANA: Na linha da vida, marca uma vida longa. Você vai durar - 99 anos e onze meses e meio.

CAIPIRA: E algum dia eu vou ser rico?

CIGANA: Não marca riqueza...

CAIPIRA: Craro que não pode marca, eu não quero ser político. Mais que que marca?

CIGANA: Marca que você vai ser um artista muito famoso. Marca aqui na sua mão, que vai aparecer um velho na sua vida...

CAIPIRA: Um velho?

CIGANA: Sim, um velho e é esse velho que vai lhe lançar no meio-artístico.

CAIPIRA: O que eu devo fazer?

CIGANA: Você deve continuar himilde e ser muito otimista.

CAIPIRA: Obrigado, deus que lhe pague.

(ENTRA BLACK CUT)

5ª MOMENTO

(NA PRAÇA ESTA UM MALANDRO, DA DIREITA ENTRA E PARA-SE A FAZER UM PONTO UM TRAVESTI, QUE AO PERCEBER O MALANDRO TENTA CONQUISTÁ-LO)

TRAVESTI: Tá a fim de um programinha?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MALANDRO: Não, eu tô a fim de grana.

TRAVESTI: Gigolo, novento.

MALANDRO: Espera aí, bichona... eu respeito a tua maneira de ganhar a vida, só que esse lugar não é lugar pra ti fazer ponto não...

TRAVESTI: Hum... quer o ponto prá ti?

MALANDRO: Ih, malandro... qual é? Não está me conhecendo... O barato é o seguinte, eu sou chefe de segurança desta praça, portanto, não quero ninguém ganhando dinheiro desonesto aqui.

TRAVESTI: Chefe de segurança... tu tem mais cara é de batedor de carteira.

MALANDRO: O menino frágil, não foge do assunto. Prá ficar aqui só daquela maneira que os caras fazem, com um percentual - prá crianças carentes.

TRAVESTI: Se tinha que molhar a mão, porque não foi direto ao assunto?

MALANDRO: 60%. Eu sou igualzinho ao leão, ru...ao, sessentinha.

TRAVESTI: Topo prá cada trepada paga, eu te dou uma de graça.

MALANDRO: Ô menino frágil, desgruda malandro, eu sou casado.

TRAVESTI: Cavalo atado também pasta. Tá legal prá ir com você, eu libero uma graninha, gigolozinho da mamãe.

MALANDRO: Sai fora, vai baixar o teu santo em outra terreira.

TRAVESTI: Nossa que braços fortes, como ele não deve ser?

MALANDRO: Ô camarada, dá o prefixo e sai do ar. O nosso papo é bu funfa, só cruzados ou dólares, manjou?

TRAVESTI: Então dá uma beijoquinha na mamãe, dá.

MALANDRO: Pô! Camaradinha, tu é encarnado.

(ENTRA O CAIPIRA PROCURANDO SUAS COISAS DEIXADAS NA PRAÇA)

CAIPIRA: (PRO MALANDRO) Boa noite, vizinho.

MALANDRO: Boa noite.

CAIPIRA: Por um acaso você não viu por aqui pela praça uma sacola com roupa?



TRAVESTI: Não, não vi não.

CAIPIRA: Qual será o filho da puta que foi pegá minha sacola daqui.

TRAVESTI: Faz pouco tempo que o cavalheiro deixou a sacola aqui??

CAIPIRA: Faz. Deixei hoje cedo. E já teve que vir um ordinário - pegar o que é meu.

TRAVESTI: Só o que é meu que ninguém quer pegar.

CAIPIRA: A senhora falou comigo?

TRAVESTI: Não, eu só estava pensando alto.

CAIPIRA: Se eu pego esse ladrãozinho, eu dismonto ele eu...

TRAVESTI: Calma, tenha calma, não fique nervoso, assim você poderá ter um enfarte, quer um cigarro?

CAIPIRA: Eu quero o meu que tem menos veneno.

TRAVESTI: Acenda o meu, com o seu fogo.

CAIPIRA: Esses cara não são mol. Não tem pena de um pobre coitado como eu, eu...

TRAVESTI: Tenha calma, que as coisas vão melhorar. Eu posso lhe - levar prá passar a noite comigo, lá eu lhe consigo umas roupas com os vizinhos, e lhe dou o que você comer...

CAIPIRA: Obrigado minha senhora, que por sua bondade Deus lhe dê tudo o que a senhora deseja...

TRAVESTI: E hoje que eu tiro o meu... da miséria. Vamos amiguinho?

CAIPIRA: A senhora é que manda.

MALANDRO: E eu como é que fico?

CAIPIRA: Eu lamento, mais vai ficá sólito.

TRAVESTI: Desgruda, ele ainda não descobriu que sou homem...

CAIPIRA: Qui história é esta de homi? Seu puto nojento, tu me paga seu filho de uma égua, querendo me enganá. Eu vou - chamá a polícia seu vagabundo.

(SAI DE CENA)

TRAVESTI: Viu o que a gente ganha querendo ser boa. Isso foi tudo por tua culpa seu puto, puto, puto, eu te odeio, justo-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



hoje que eu ia tirar o meu atraso, eu me odeio...

MALANDRO: Calma, bichona, calma vizinha...

TRAVESTI: Eu vou te mostrá como eu estou calma, seu filho de uma-
vaca (SAEM CORRENDO UM ATRÁS DO OUTRO) (ENTRA BLACK CUT)

6º MOMENTO

(O CAIPIRA AO VOLTAR ENCONTRA-SE COM O MALANDRO)

CAIPIRA: Não se acha um polícia nesta cidade. Você viu aquele ma-
landro querendo me enganá, se não fosse você me ajudá -
eu ia prá casa do puto.

MALANDRO: O senhor tem que ter mais cuidado com essa gente da ci-
dade grande porque a coisa está tão confusa aqui, que -
não se sabe quem é homem e quem é mulher.

CAIPIRA: Será que o senhor não sabe de alguém que possa me arru-
mã um serviço?

MALANDRO: Eu tenho aqui um servicinho pro senhor.

CAIPIRA: Eu quero, só que o pagamento tem que ser adiantado. Por-
que outro dia eu fui trabalhã e depois o cara não quis-
me pagã.

MALANDRO: Não se preocupe com a grana, ela está aqui ó, o senhor-
conhece a rua do Parque?

CAIPIRA: Craro que conheço.

MALANDRO: O nº da casa é o 923. (ENTREGA O REVÓLVER PRO CAIPIRA)-
Vai lá e (COCHICHANDO) entregue esse revólver pro seu Q
dorico.

CAIPIRA: Pode deixar comigo, tchau. (SAI DE CENA) (ENTRA BLACK
CUT).

7º MOMENTO

(ABRE-SE A CENA COM O CAIPIRA SEGUINDO UMA MULHER, QUE ENTRA EM
UMA CASA. A MULHER AO PERCEBER QUE ESTAVA SENDO SEGUIDA ASSUSTA-SE)

MULHER: Não, não me mate!



- CAIPIRA: (APAVORADO) Eu quero sa...be...
- MULHER: Aonde está o dinheiro, o senhor pode pegar o que quiser, mas não me mate! O senhor tem revólver?
- CAIPIRA: Tenho, é um lindo 38...
- MULHER: Não fique nervoso, eu lhe entrego tudo...
- CAIPIRA: Eu quero...
- MULHER: O dinheiro, o meu marido arruma a quantia que você quiser.
- CAIPIRA: Eu quero ver...
- MULHER: Já sei, você quer ver o meu marido (GRITANDO) Odorico, - Odorico.
- MARIDO: (CHEGA GRITANDO) O que você quer mulher... (AO CHEGAR - ASSUSTA-SE) já sei o que você quer, é dinheiro... (ESPU MA DE BARBA)
- CAIPIRA: Eu já...
- MARIDO: Já sei, você já está perdendo a paciência. Não se irrite eu lhe dou todo o dinheiro que tenho (MARIDO CONTA O DINHEIRO) Eu estou contando prá poder descontar do imposto de renda.
- MULHER: Anda com isso. Ele pode querer refém, um de nós ou uma de nossas filhas.
- MARIDO: Ô mulher a gente não pode perder a calma. (CHAMA O CAIPIRA QUE NÃO SAI DO LUGAR) Venha até aqui pegar o resto do dinheiro (CAIPIRA CONTINUA NO MESMO LUGAR). Venha, e la não vai lhe fazer nada, tá bem ela vem junto. (VAI - AO QUARTO E TRAZ MAIS DINHEIRO E JÓIAS) Pegue as jóias - elas são todas suas.
- CAIPIRA: Eu não quero jóias.
- MARIDO: Viu como ele é, ainda menospreza as nossas jóias, então pegue o dinheiro. Tá bom você quer o dinheiro, as jóias e o carro. Pode levar o seguro paga, pode levar, leve.
- CAIPIRA: Eu, eu não sou ladrão.
- HOMEM E MULHER: Não é ladrão?



- CAIPIRA: Não, não sou. Eu vim lhe entregar o revólver, que um ho-
mi lhe mandou.
- HOMEM: Desculpe, nos desculpe por pensar que você era ladrão.-
Também o senhor nos deu um grande susto.
- CAIPIRA: Eu não assustei ninguém, vocês que se assustaro de eu.
- CAIPIRA: Já que o senhor tem tanto dinheiro, será que não dá pro
senhor me dá um troco, prá mim comprá bôia?
- MARIDO: Não tenho dinheiro prá dar esmolas, quer dinheiro, vai-
trabalha, vã antes que eu chame a polícia. (ENTRA BLACK
CUT).

8º MOMENTO

(ABRE-SE A CENA COM UM VELHO SENTADO NA PRAÇA, LOGO CHEGA O
CAIPIRA)

- CAIPIRA: Bom dia.
- Velho: Bom dia.
- CAIPIRA: Um lindo dia, não é?
- VELHO: Não quero que você me leve a mal, mas o senhor não é da-
qui, não é?
- CAIPIRA: Não, não sou não?
- VELHO: O senhor não é italiano?
- CAIPIRA: Não, não sou italiano.
- VELHO: É, não pode ser italiano, porque o senhor tem mais jeito
é de turco.
- CAIPIRA: Mais eu não sô turco.
- VELHO: Mas eu acho que o senhor é turco.
- CAIPIRA: Eu sou uma mistura de alemão com italiano e...
- VELHO: É TURCO.
- CAIPIRA: Não é com turco, é com espanhol.
- VELHO: Báh, a sua mãe casou-se um bocado de vezes.



CAIPIRA: Minha mãe se casou só uma veis, italiano é por parte de pai, alemão é por parte da minha vó, e espanhol pelo meu avô.

VELHO: O senhor sabe contar piadas?

CAIPIRA: Sei, mais são todas pesada.

VELHO: Como pesada?

CAIPIRA: São muito bagaceira.

VELHO: Conte, eu adoro piadas bem apimentadas.

CAIPIRA: Por que apimentada? Piada não é prá come, piada é prá se escuta.

VELHO: Afinal vai contar a piada, ou não vai?

CAIPIRA: Eu tenho vergonha.

VELHO: Deixa dessas babaquice toda de vergonha. Na televisão eles contam piadas bem pornográficas, é mulheres nuas, é casais transando, é aqueles beijos de desentupir pia. Mas prá televisão é tudo liberado, agora pro teatro, pro cinema é quase tudo proibido. Mas eu tenho esperanças que o homem da justiça perceba, que no teatro e no cinema - vai quem quer e a televisão até as crianças olham, porque os pais não podem viver de guerra com os filhos.

CAIPIRA: Gostei, o senhor é mesmo bastante estudado pelo que vejo.

VELHO: Eu não sou estudado nada, em mim ninguém estuda.

CAIPIRA: O senhor não entendeu, eu quis dizer que o senhor tem bastante estudo.

VELHO: Não tenho grandes estudos, e sim bem informado, eu ouço rádio, vejo televisão, vou a cinema, a teatro e leio jornal diariamente. O senhor já foi ao cinema?

CAIPIRA: Nunca fui, não tem cinema na cidade onde eu moro, o que tinha fecharam prá botarem uma loja de camas e fogão.

VELHO: E a teatro você já foi?

CAIPIRA: Só lá na capela, na Semana Santa eles faz uma pela sobre Jesus.

VELHO: O senhor vê televisão?



- CAIPIRA: Só quando paro na frente das loja. Eu não tenho, sou pobre.
- VELHO: E jornal, você lê?
- CAIPIRA: Só quando acho algum jornal no lixo, ou leio o jornal - dos outro. Eu não tenho dinheiro, o jornal tá muito caro. Mais o que o senhor faiz?
- VELHO: Atualmente, estou aposentado e antes eu era ator de teatro.
- CAIPIRA: E por que parou? Teatro é tão bonito.
- VELHO: O brasileiro não dá valor à cultura, eu digo o governo, - as empresas que preferem gastar milhões de cruzados na compra de cultura estrangeira do que na sua própria cultura. Mas eu ainda tenho esperança, que antes da minha - morte o governo e as empresas vejam que pro Brasil sairá da triste situação que se encontra, tem que começar pela cultura, porque um povo mais culto, entenderá melhor quando o presidente pedir apoio e união, por que só o povo po vo poderá ajudá-lo a tirar o país desta miséria que está.
 (COMEÇA A CHORAR)
- CAIPIRA: Não chore, o vizinho já fez a sua parte, e o Brasil um dia vai sair desti sofrimento.
- VELHO: Mas não é por isso que estou chorando.
- CAIPIRA: Então por quê?
- VELHO : E por que estou velho, todos me chamam de velho maluco, - gagã e caduco. Eu quero montar uma peça só com piadas, - mas todos fazem pouco de mim.
- CAIPIRA: Não chore, eu acredito no senhor e o que depender de mim eu faço.
- VELHO: (MAI ALIVIADO) Então me conte uma piada.
- CAIPIRA: Conte o senhor primeiro, ai eu perco a vergonha.
- VELHO: Está bem eu conto. Hoje está tudo avançado até nos estudos. O garotinho chegou em casa incucado com a aula que teve, e logo foi até aonde estava seu pai, e passou a lhe fazer perguntas. Pai o que é povo? O pai respondeu, povo ... povo... há! Povo é a empregada. Garoto: pai o que é



Pátria? Pai: Pátria... Pátria... ora, Pátria é a sua mãe-que está sempre de braços abertos para recebê-lo. Garoto: Pai, o que é poder econômico? Pai: poder econômico... poder econômico, ora, poder econômico é o seu pai, sou eu quem sustento todos desta casa. Garoto: Pai a última pergunta, eu juro que não vou mais encher o seu saco. O que é futuro? PAI: Futuro como eu poderia lhe explicar, futuro... futuro, há futuro é você. Daqui a dez anos você será adulto e poderá votar para presidente. Passou-se horas e mais tarde, veio a janta e foram dormir, mais lá pelas tantas o garoto acorda.

VELHO: Com uma cólica e entra banheiro a dentro, faz a necessidade, procura papel e não acha, vai no quarto e acha a mãe-dormindo, vai no quarto da empregada e acha o pai ferro e ferro na empregada, o garoto parou olhou e falou, muito bonito, né. Enquanto a Pátria dorme, o poder econômico fo de o povo e o futuro que permaneça caçado. (DÃO RISADAS) Agora conte a sua.

CAIPIRA: A minha não é piada, é um caso que aconteceu com o meu - primo. Um dia o meu primo veio pela primeira vez na cidade, coitado não conhecia sinaleira, era aquele trânsito-bárbaro e meu primo esperando e esperando. Numa dessas e le se atravessou na frente dos auto e foi até aonde estava um guarda e perguntou, quanto o senhor cobra pra me a travessa pro outro lado? Disse o guarda - vinte cruzados. Meu primo achou caro e voltô, quase foi atropelado pelos auto. Nisso chega uma loirona e meu primo já vendo que o verde era seu, falou pra loirona, bamos - ela respondeu pra ele - só por cinquenta. Meu primo respondeu então eu vô com o guarda que é mais barato. (OS DOIS CAEM NA RISA DA)

VELHO: Achei o meu companheiro pra fazer o meu teatro, Deus ouviu as minhas preces.

CAIPIRA: Juntos vamo faze muitas critura velha alegre.



FIM

PEÇA: UM CAIPIRA NA CIDADE

AUTOR: Rosalvino Rodrigues Gouveia

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO GRUPO VIVA ARTE TEATRAL

CANOAS: 03 de maio de 1987.

COMÉDIA:

PERSONAGENS: CAIPIRA

HOMEM I

MULHER I

FANÁTICO

GRÃ-FINO

CIGANA

MALANDRO

TRAVESTI

MULHER II

HOMEM II

VELHO

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

